



CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 6 - ANO DE 2004

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔA AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 6 · ANO DE 2004

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

Foto da capa:

O «Rio Côa, junto à foz, preguiçoso e adormecido, alheio às polémicas que se passavam na parte de cima...»

Composição e impressão:

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-10-7

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ ~~CÔA~~
2004

As semanas de Estudos Especializados em Ervamoira: experiências e balanço

J. A. GONÇALVES GUIMARÃES *

Tendo como ponto de partida as escavações arqueológicas realizadas na Quinta da Ervamoira e a criação do seu Museu de Sítio, desde 1997 que nas férias da Páscoa se realizam as Semanas de Estudos Especializados que têm reunido professores, jovens licenciados e alunos universitários das mais diversas áreas, em trabalhos de levantamento, inventariação, estudo e divulgação do Património do Vale do Côa, desde a geologia, passando pela biologia, paleopatologia, ceramologia e outras áreas, até às artes plásticas.

Numa breve abordagem damos conta dessa experiência, dos seus resultados e da problemática da sua continuidade.

1. ANTECEDENTES

Quando iniciamos em 1985 os trabalhos em Ervamoira, ao procurar enquadrar o estudo deste sítio arqueológico, rapidamente nos demos conta da escassez de bibliografia geral ou específica sobre a região, cuja importância cultural era já então evidente ¹. E quando nos referimos a bibliografia não estávamos apenas à procura de trabalhos sobre temática arqueológica ou histórica: fosse qual fosse o assunto, os estudos que existiam sobre a região, ou estavam desactualizados ou pura e simplesmente não existiam ². Tínhamos conhecimento dos levantamentos arqueológicos anteriormente realizados por Adriano Vasco Rodrigues, os quais se traduziram em várias publicações ³; e de que, desde 1982, um grupo de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e outros colaboradores procediam à elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Moncorvo ⁴. E também que António do Nascimento Sá Coixão iniciara o levantamento do património arqueológico em volta de Freixo Numão e, por extensão, em todo o concelho de Vila Nova de Foz Côa ⁵.

Ainda nesse ano de 1982, na margem esquerda do Rio Douro, perto do local onde o Côa com este se encontra, uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho descobria algumas rochas insculturadas que António Martinho Baptista e outros colaboradores revelariam à comunidade científica no ano seguinte, as quais já deixavam antever as descobertas posteriores no Vale do Côa ⁶.

Por sua vez alguns departamentos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (U.T.A.D.) começavam então a fazer alguns estudos na região, mas quase todos dirigidos para áreas económicas muito específicas ⁷.

Os estudos científicos mais especializados seriam então os geológicos, alguns já com décadas, mas ainda importantes, e outros mais recentes feitos no âmbito dos estudos preparatórios para os trabalhos do interrompido projecto da barragem do Côa ⁸.

Perante este panorama, e à medida que prosseguimos a nossa intervenção, fomos dando conta da necessidade de conhecer cientificamente melhor a região para bem entender e enquadrar o espólio que ia sendo exumado, o qual, por outro lado, necessitava do estudo de especialistas fora das áreas do património arqueológico, histórico ou documental, para ser compreendido na sua totalidade.

Desde sempre constatamos e confirmamos que a arqueologia é, dentro das áreas do saber, uma das mais pluridisciplinares que existem, até porque lida com todo o passado da humanidade, revelado não só pela lição apreendida a partir dos vestígios materiais, mas também pela capacidade que tem em reconstruir

* Arqueólogo; docente universitário; director científico do Museu de Sítio de Ervamoira.

os cenários que em cada época os enquadram, para então ser mais inteligível a marca humana e as memórias da sua vivência. Isolar o próprio ser humano e os seus vestígios ou objectos desse cenário é limitar a sua mensagem. Estudar as suas actividades sem analisar as matérias primas, os utensílios e os produtos manufacturados, descrever a economia ou a organização social, religiosa ou política em que se movimenta, sem atender aos vestígios ou elementos construídos em que as mesmas se materializam é, antes do mais, sobre o presente ter uma ideia incompleta, sobre a memória que cada um de nós transporta, individualmente ou em grupo, não perceber quase nada.

Por isso procuramos desde sempre trazer para as nossas equipas de escavação licenciados e estudantes de outras áreas porque nas questões que vão levantando encontramos as que a própria intervenção vai requerendo, quer seja na geologia, interrogando sobre argilas e minérios, sobre a flora, relacionando os carvões com a paisagem, sobre a fauna, articulando os ossos do passado com as pegadas do presente, quer as deixadas cozidas no barro das *tegulae*, quer as ainda frescas nas lamas do rio.

E as perguntas ficam-se ainda pela possível ponte entre os vestígios da sociedade romana e medieval que resta fósil nas ruínas escavadas e as actividades ainda existentes na região que foram suas contemporâneas, como a pastorícia, a agricultura, a olaria, a mineração, a própria construção tradicional.

Porém, se alguns estudos muito específicos ou direccionados por aqui estavam a acontecer, os estudos interdisciplinares ou pluridisciplinares eram então completamente ausentes e, ainda hoje, difíceis de concretizar.

Sobre a necessidade de colmatar toda esta ignorância havia ainda a enorme urgência motivada pela decisão de submergir uma enorme área do Vale do Côa, perdendo-se na albufeira a lição de vida do passado capaz de gerar riqueza e bem estar para as gerações do futuro. À medida que o nosso conhecimento sobre a região avançava doía-nos sobretudo o saber que apenas aflorávamos as primeiras páginas de uma enorme enciclopédia que ia ser afogada em água salobra para produção de alguma energia eléctrica, trocando o usufruto de uma paisagem única, pelo barulho da motonáutica, pelo turismo dos basbaques, pelo chafurdo nas margens pantanosas artificiais, geradoras de sezões anofélicas habitualmente combatidas com produtos químicos que desgraçam para gerações o ambiente. Doía-nos a barbárie economicista e tecnocrática. Ofende-nos a troca da mais valia de gerações por interesses de rendimento imediato e de grande ónus futuro.

Como todos sabem venceu a cultura. Por pouco. À tangente. Por excepção. Não sabemos se para sempre. Mas todos sabemos, ainda que mal, de forma incompleta ou deturpada, o que entretanto aconteceu: Nelson Rebanda descobre para o mundo científico as gravuras paleolíticas ao longo do Vale do Côa ⁸, enquanto que o conhecimento sobre a região, em todas as suas vertentes, ia subindo em quantidade, no início motivado pela sua eminente destruição; depois continuado pelo deslumbramento, agora frouxo e reticente pelo crescente desânimo, enquanto os fundos existentes vão sendo gastos pelos burocratas e pelos desencantadores de ninharias.

2. OBJECTIVOS

Quando em 1995 se torna real a decisão de não construir a barragem, no relatório das escavações desse ano sugerimos a criação de um Museu de Sítio em Ervamoira que aproveitasse a antiga casa da quinta, quase então sem qualquer utilidade prática e em acelerado estado de degradação. A sua criação, com as valências imediatas dos patrimónios natural, arqueológico e antropológico, socorria-se não só dos trabalhos que já então tínhamos elaborado ou dirigido, mas era ela própria geradora da necessidade de um conhecimento mais aprofundado e mais profissional sobre o Vale do Côa, muito para além da arte e arqueologia pré-históricas, afinal os factores da urgência da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, preocupados em possibilitarem rapidamente a usufruição pelo público em geral das agora célebres gravuras, mas que, de modo algum, esgotavam, esgotam ou esgotarão as múltiplas valências culturais da região ¹⁰.

Uma primeira experiência interdisciplinar decorreu a 21 e 22 de Abril de 1995 quando participamos na organização de uma visita de estudo conjunta de professores e alunos do Curso de Geologia da Faculdade de Ciências do Porto e do Curso de Ciências Históricas—Ramo Património da Universidade

Portugalense Infante D. Henrique, a qual percorreu vários monumentos geológicos, geomorfológicos, arqueológicos e históricos da região. Em Ervamoira, onde as gravuras pareciam então não existir ¹¹, a lógica patrimonial e museológica viria nesse sentido, dando a conhecer a única estação romana e medieval do Vale até então escavada ¹², enquadrada num amplo cenário antigo e actual, através dos estudos que iam desde a geologia, passando pela biologia até à vitivinicultura e à arte, continuando assim uma certa tradição cultural, aliada a um marketing muito próprio, que têm sido apanágio da Casa Adriano Ramos Pinto há mais de 120 anos ¹³.

Para tal organizamos em 1997 a 1ª Semana de Estudos Especializados, na qual participaram professores, jovens licenciados e estudantes de várias áreas, sensibilizados para “[...] recolher, confirmar e preparar elementos para o Museu de Sítio de Ervamoira, bem assim como (para) desenvolver os levantamentos necessários para a musealização das ruínas” ¹⁴. Os trabalhos prosseguiram desde então todos os anos na semana da Páscoa, aproveitando as férias académicas: 2003 foi o último desta série, porque agora já não há este tempo de reflexão primaveril transformado em “campo de treino” para jovens investigadores, devido à entrada em vigor do calendário universitário europeu em algumas academias. Mas a Primavera tem mais dias e não estará para desaparecer.

3. AS EQUIPAS

Ao longo destes sete anos as equipas variaram entre 20 elementos (1997: 13 elementos da equipa de Ervamoira + 7 de Engenharia topográfica da Universidade da Beira Interior, que procederam ao levantamento da estação arqueológica, mas que não estavam alojados na quinta) e os 5 elementos em 2003, a uma média de 11 elementos por equipa, num total efectivo de 30 elementos (+ 7 da UBI), tendo alguns participado em várias Semanas.

Na sua maior parte possuíam licenciaturas em História, Arqueologia e Património (15) e em Biologia (7), havendo ainda licenciados em Geologia, Direito e Engenharia florestal (1 cada). Assinale-se que 1 biólogo possuía doutoramento, 1 arqueólogo é doutorando, havia 1 mestre em História Contemporânea, 4 mestrandos em diversas áreas e ainda estudantes de Direito, Antropologia, Relações Públicas e Artes Plásticas. Dois são docentes universitários e alguns outros professores do ensino básico e secundário. Não tendo estado integrados na equipa, mas participado em estudos complementares, contou-se com a colaboração de uma doutorada em Medicina Legal (Paleopatologia), um doutorado em Medicina Dentária e um doutorado em Engenharia ¹⁵.

A maior parte dos participantes tinham como origem a Universidade Portugalense Infante D. Henrique e as Faculdades de Ciências e de Letras da Universidade do Porto, além de outros estabelecimentos de ensino superior.

Os mais assíduos, para além do director científico do Museu, organizador destas Semanas e autor deste texto, foram os biólogos Paulo Talhadas dos Santos e José Manuel Grosso-Silva, o estudante de Biologia, Paulo Jorge Mendes Alves, a arqueóloga Susana Guimarães e o pintor Ricardo Nicolau de Almeida.

4. APOIO TÉCNICO

O apoio técnico aos trabalhos foi dado, em primeiro lugar, pelo Gabinete de História e Arqueologia e pelo Solar Condes de Resende, de Vila Nova de Gaia, que cederam material e equipamento, além de colaboração na organização das equipas, sem os quais estas semanas não teriam sido possíveis.

Depois pelo Departamento de Zoologia da F.C.U.P e pelo Fundo de Apoio e Protecção dos Animais Selvagens.

Em aspectos pontuais os estudos realizados tiveram a colaboração científica do Gabinete de Numismática da C.M. Porto (Casa Tait, Dr. Filipe Teixeira), do Instituto de Medicina Legal do Porto (Prof. Doutora Cristina de Mendonça), da Faculdade de Medicina Dentária da U.P. (Prof. Doutor A. Afonso), e do Departamento de Metalurgia da Faculdade de Engenharia da U.P. (Prof. Doutor Engenheiro Tinoco Cavalheiro).

Em alguns aspectos editoriais houve ainda a colaboração de Afons'eiro, Cooperativa de Acção Cultural.

5. APOIO FINANCEIRO E LOGÍSTICO

O apoio monetário a estas Semanas foi exclusivamente concedido pela Casa Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A., no que diz respeito à direcção dos trabalhos e apoio logístico.

A falta de fundos para análises laboratoriais, para equipamento mais sofisticado e para publicação de resultados, não permitiu ir muito mais além nos estudos efectuados, os quais estão a ser rentabilizados, na maior parte dos casos, a título pessoal pelos participantes que os elaboraram, em alguns casos, fora do país.

6. RESULTADOS

Não obstante as dificuldades sentidas neste tipo de acção, durante a vigência do projecto entre 1997-2003, quer pelo seu coordenador, quer por alguns dos participantes, foram já publicados 13 trabalhos sobre Ervamoira e 8 sobre o Vale do Côa; apresentados 5 posters sobre Ervamoira e 1 sobre o Vale do Côa; estão prontos para apresentação 10 trabalhos sobre Ervamoira e 2 sobre o Vale do Côa; elaboradas um numero substancial de aguarelas e outras realizações plásticas, estando em estudo ou elaboração mais 9 trabalhos (ver quadro). No conjunto destacam-se, pela quantidade, os trabalhos sobre Museologia, Entomologia e Cerâmica arqueológica e tradicional.

Durante estas Semanas, muitos outros estudos foram sugeridos por ter sido sentida a necessidade de os efectuar. Porém a falta de incentivos e de meios leva-nos a que apenas os possamos apontar, na esperança de que um dia seja possível que outros investigadores ou instituições os realizem. São eles os seguintes: Acarologia; Agricultura; Antracologia; Antropologia; Arqueologia Moderna e Contemporânea (já iniciada em Ervamoira); Arqueologia naval (as barcas do Côa); Arte popular; Climatologia; Coprologia; Geografia; Iconografia; Ictiologia; Mineralogia; Moluscologia aquática e outra; Paleobotânica; Paleontologia; Património construído; Sedimentologia; Sociologia; Toponímia/Linguística; Tradição oral/dialectologia.

7. PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE

Estes estudos irão com certeza ter continuidade. Se não o forem pela nossa equipa sê-lo-ão por outras. Se não for agora será um dia, começando de novo.

Pela nossa parte tudo faremos para pôr à disposição da comunidade científica, das entidades e do público interessado os resultados obtidos durante estas Semanas de Estudos Especializados de Ervamoira. Conforme atrás se disse há ainda muitos estudos por publicar que fazem falta a uma visão global e actualizada da região. Há outros cuja elaboração continua e o Museu de Sítio de Ervamoira guarda uma enorme colecção de material para ser trabalhado.

Entretanto está prevista a remodelação periódica do Museu e prosseguem as escavações em Ervamoira B (ruínas da capela de Santa Maria).

Algumas entidades com interesse na região privilegiam o imediatismo e o facilitismo das artes, da literatura, do jornalismo, em detrimento da solidez e da reflexão dos estudos científicos. A opção é deles e pensamos que é uma falsa dicotomia, como revelaram as nossas equipas. Enquanto houver condições para tal iremos continuar os estudos sobre Ervamoira e o Vale do Côa, tentando aliar a Ciência com a Arte, a História e a Arqueologia com as Ciências da Natureza e a própria Economia.

Semanas de Estudos Especializados (1997-2003): resultados

Áreas trabalhadas/trabalhos:	Publicações	Posters apresentados	Prontos para publicação ou apresentação	Em estudo/ em elaboração
Arqueologia romana e medieval	1		1	1
Biodiversidade/ecologia		1	1	
Botânica		1	1+um	
Cerâmica arqueológica	2			1+1
Cerâmica tradicional	um+1		um	
Entomologia	cinco		1	
Epigrafia				1
Geologia/Geomorfologia			1	
História da Paisagem	1			
Metalurgia/Paleometalurgia	1		1	1
Molinologia	um	um		
Museologia	5+um	2	1	1
Numismática			1	
Osteologia animal/Zooarqueologia				1
Osteologia humana/Paleopatologia		1	1	
Património/Gestão do Património	2			
Pintura/Arte actual			1(n)	
Topografia			1	
Vitrologia				1
Zoologia				1

1- Referente só a Ervamoira; um- Referente ao Vale do Côa ou à região

8. BIBLIOGRAFIA SOBRE ERVAMOIRA E OS TRABALHOS DO SEU MUSEU DE SÍTIO

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1988) – *A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira, Muxagata, Vila Nova de Foz Côa* (em colaboração com Maria da Graça Peixoto), Col. Quinta da Ervamoira I. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto, Vinhos/G.H.A.V.N.G., 24 págs., ilustrado.

- *idem* (1990) – *A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira: Novos Dados*, (em colaboração com Maria da Graça Peixoto). In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, 10 págs., ilustrado (separata).

- *idem* (1993) – *Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro*: As Tegulae. In *Lycerna*, 2ª Série, vol. III, Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 19 págs., ilustrado (separata).

- *idem* (1994) – *A estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Muxagata – Vila Nova de Foz Côa* (em colaboração com Maria da Graça Peixoto). In *Gaya*, vol. VI, Gabinete de História de Vila Nova de Gaia, 1994; 28 págs., ilustrado (separata).

- *idem* (1995) – *Arqueologia do Vale do Côa – a Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira*. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXV, fasc. 4. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 7 págs., ilustrado.

- *idem* (1996) – *A Estação Arqueológica da Quinta da Ervamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa*. In *Douro – Estudos & Documentos*, nº 1, GEHVID, Porto, 3 págs., ilustrado.

- *idem* (1997) – *Museu de Ervamoira – Guia do Visitante* (coordenação). Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos S.A.), 56 págs., ilustrado.

- *idem* (1998) – *Musée d'Ervamoira – Guide du visiteur* (coordenação). Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos S.A.), 56 págs.; ilustrado.

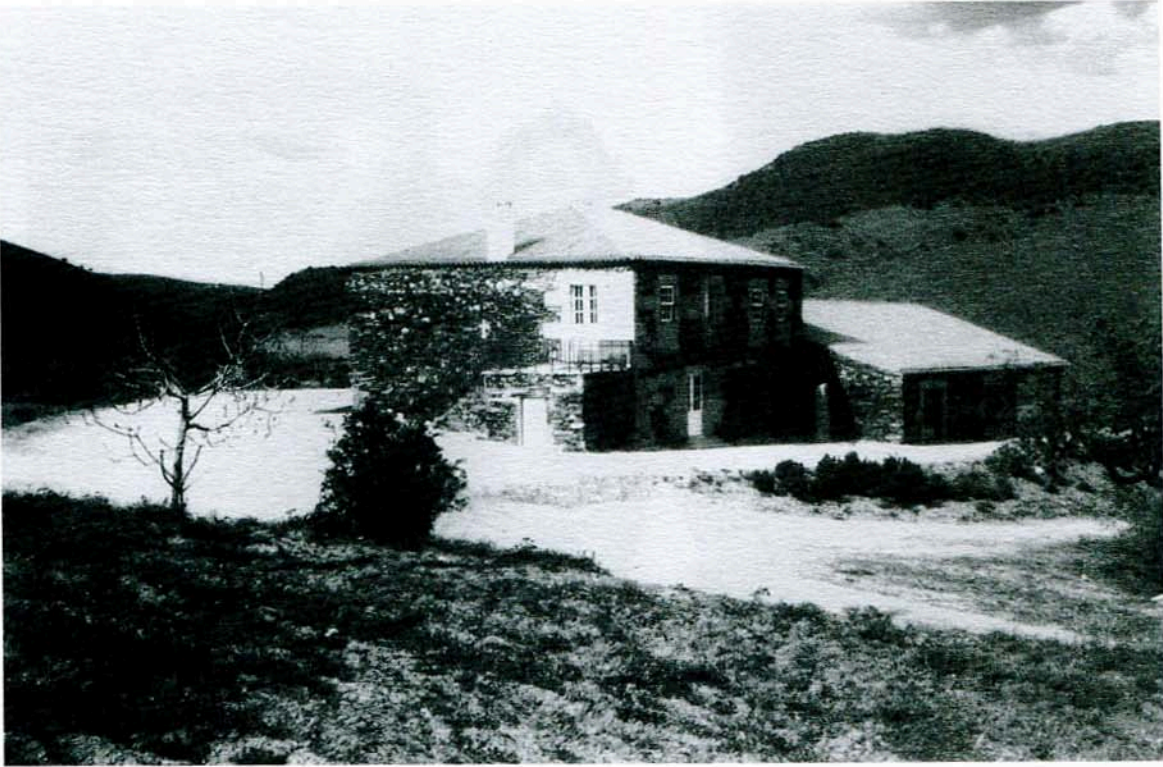
- *idem* (1998) – *Ervamoira Museum – Visitor's Guide* (coordenação). Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos S.A.), 56 págs., ilustrado.

- *idem* (1998) – *Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira: um programa global de investigação multidisciplinar*. In *Terras do Côa/ da Malcata ao Reboredo*. Guarda: Estrela – Côa, 10 pp., ilustrado.

- *idem* (1998) – *Um Museu de Sítio para a Quinta da Ervamoira (Vale do Côa): Projecto e Programa*. In *Espaço e Memória – Revista de Património*, 1, Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 34 pp., ilustrado (separata).
- *idem* (1998) – *Museus locais públicos e privados: tradição e inovação. Análise de um século de museologia de Vila Nova de Gaia*. In *Africana*, número especial 5. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, 24 pp., ilustrado (separata).
- *idem* (1999) – *Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira*. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida In Memoriam*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 14 pp., ilustrado (separata).
- *idem* (1999) – Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira. In *Côavisão – Cultura e Ciência*, nº 1. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal 6 pp., ilustrado.
- *idem* (2000) – Os moinhos do Côa. Introdução ao seu estudo. In *Côavisão- Cultura e Ciência*, nº 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 15-20, ilustrado.
- *idem* (2000) – *Cerâmica romana e medieval de Ervamoira*. In *Actas do Colóquio Beira Interior História e Património*. Guarda: Câmara Municipal, p. 171-184, ilustrado (separata).
- *idem* (2000) – *Vestígios paleocristãos de Ervamoira, Vale do Côa*. In *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica* (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI, coordenação de Vitor Oliveira Jorge). Porto: ADECAP (separata).
- *idem* (2001) – A Quinta e o Museu de Ervamoira: da Arqueologia ao Turismo Cultural no Vale do Côa. In *Turismo em espaço rural*. Porto: Vida Económica, p. 116-123.
- *idem* (2003) – Ervamoira: da granja romana à quinta medieval de Santa Maria, uma hipótese de musealização das ruínas. In *Coavisão – Cultura e Ciência*, nº 4, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 73-84, ilustrado.
- *idem* (2004) – Contributo para o estudo da História da Paisagem do Alto Douro Vinhateiro. In *Revista de Ciências Históricas*, vol. XVIII. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pp. 157-70.
- *idem* (2004) – As Semanas de Estudos Especializados em Ervamoira: experiências e balanço. In *Côavisão-Cultura e Ciência*, nº 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, ilustrado.
- *idem* (2004) – A actividade metalúrgica em Ervamoira: uma primeira abordagem (em colaboração com Eva Baptista). In *Côavisão-Cultura e Ciência*, nº 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, ilustrado.
- GROSSO-SILVA, J. M. (2000) – Registos interessantes de cerambicídeos (Coleoptera, Cerambycidae) para Portugal. In *Boletim de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, nº 27. Zaragoza, p. 39-41, ilustrado.
- *idem* (2000) – Contribuição para o conhecimento dos grylloidea (Orthoptera, Ensifera) em Portugal. In *Boletim de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, nº 27. Zaragoza, p. 87-89, ilustrado.
- *idem* (2003) – Introdução aos insectos. In *As Borboletas de Portugal*, edição de Ernestino Maravalhas/Vento Norte, s/l. (tem insectos de Ervamoira e do Vale do Côa, estudados nas Semanas de Estudos Especializados).
- GROSSO-SILVA, José Manuel; LÓPEZ-COLÓN, José Ignacio (1998) – Novos dados sobre Gibbiinae (Coleoptera Ptinidae) ibéricos, com o registo de uma nova espécie para Portugal, *Gibbium Psylloides* (Czenpinski, 1778). In *Boletim de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, nº 22. Zaragoza, 3 p., ilustrado.
- GROSSO-SILVA, J. M.; SERRANO, Artur R. M. (2000) – Registos interessantes de coleópteros (Insecta, Coleoptera) para Portugal (2ª nota). In *Boletim de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, nº 27. Zaragoza, p. 1-5, ilustrado.
- LEITE, Cristina (2000) – Ervamoira: um caso de desenvolvimento sustentável. In *Forum Ambiente*, nº 66, p. 16-22, ilustrado.
- PINTO, Carla Cristina Teixeira (1998) – O Centro Oleiro de Santa Comba de Vila Nova de Foz Côa. In *Olaria*, nº 2. Barcelos: Museu de Olaria, 6 pp., ilustrado.
- *idem* (2000) – Louça de Barro de Santa Comba no Museu de Sítio de Ervamoira. In *Coavisão-Cultura e Ciência*, nº 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 15-20, ilustrado.

POSTERS:

- "Moinhos do Côa", de J. A. Gonçalves Guimarães e Felicidade Ferreira, apresentado a 1 de Outubro de 1998 na Guarda, nas Iªs Jornadas de Património da Beira Interior.
- "Biodiversidade dos Vertebrados da Quinta da Ervamoira (Vale do Côa)", de Cristina Leite, Paulo Mota, Cláudia Soares e Paulo Santos, apresentado a 23 de Outubro de 1998 no I Encontro sobre Biodiversidade no Parque Biológico de Gaia.
- "A Vegetação da Quinta da Ervamoira", de Paulo Alves, *idem, idem*.
- "Diagnóstico de Espécie em Restos Esqueletizados. A propósito de um diente", de M.C. de Mendonça, A. Afonso e J.A. Gonçalves Guimarães, apresentado a 29 de Abril de 1999 no V Congresso Nacional de Paleopatologia, em Alcalá La Real, Espanha.
- "Museu de Sítio de Ervamoira - Ervamoira Site Museum", de J.A. Gonçalves Guimarães, Susana Guimarães e Paulo Santos, apresentado a 27 de Setembro de 1999 no 3º Congresso de Arqueologia Peninsular em Vila Real.



1. Museu de Sítio de Ervamoira - Vale do Côa



2. Equipa multidisciplinar em trabalho de campo;
3ª Semana de Estudos Especializados, 1999



3. O pintor de Ervamoira; 4ª Semana de Estudos Especializados, 2000

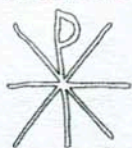


4. Trabalhos de laboratório; 6ª Semana de Estudos Especializados, 2002



5. Alguns trabalhos artísticos realizados durante as Semanas de Estudos Especializados

ERVAMOIRA



VALE DO CÔA

MUSEU DE SÍTIO DE ERVAMOIRA

ERVAMOIRA SITE MUSEUM

ADRIANO RAMOS PINTO (VINHOS) SA
Quinta da Ervamoira - Muxagata - Vila Nova de Foz Côa



O Vale do Côa foi classificado como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO devido ao excepcional interesse das suas gravações paleolíticas. Mas o seu Foco Arqueológico conserva muitos outros valores culturais em fase de inventariação, estudo, preservação e divulgação. Muitos deles podem ser já encontrados no Museu do Sítio de Ervamoira, instituição privada situada numa quinta produtora de Vinho do Porto e de mezo da Casa Adriano Ramos Pinto, a única no mundo dentro de uma área assim classificada.

No origem do Museu está a descoberta em 1985 de uma estação arqueológica com ocupação romana e medieval a qual tem vindo a ser estudada pelas equipas organizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da Vila Nova de Côa. Depois veio o decreto governamental de não construir a barragem do Côa. E desde 1980 a tradição cultural da entidade proprietária.

Neste Museu podem ser vistas painéis e peças sobre o Património Natural do Douro Superior, a ocupação romana e medieval do sítio, o património etnográfico do Vale do Côa e a história da Casa Ramos Pinto, três zonas distintas e dos seus vinhos.

Pintado o Museu um laboratório onde se procede regularmente ao estudo do espólio arqueológico da estação e outros estudos científicos sobre o Vale do Côa e também a provas enológicas.

Todas as aulas nas férias da Primavera são equipas pluridisciplinares formadas por professores e estudantes de Arqueologia, Biologia, Património, Antropologia e outros saberes, de várias universidades do Porto promovem estes estudos especializados.

Nas férias de Verão as equipas de Arqueologia continuam as escavações da estação arqueológica tendo agora em vista a sua futura musealização. Ervamoira é assim um campo multidisciplinar de trabalho numa paisagem de sonho.

The Côa Valley was classified as Cultural Heritage of Humanity by UNESCO due to the exceptional interest of its paleolithic rock engravings. But its Archaeological Park encompasses many other cultural values in inventory, study and divulgation faces. Many of them can already be found in the Ervamoira Site Museum, private institution placed in a Oporto and table wine farm of Adriano Ramos Pinto House, the only one in the world within such a classified area.

The origin of the Museum is in the 1985's discovery of an archaeological site with roman and medieval occupation, which has been being studied by teams organized by the Vila Nova de Côa History and Archaeology Cabinet. After came the governmental decision of not building the Côa dam. And since 1980, the cultural tradition of the owner entity.

In this Museum can be seen panels and pieces about Natural Heritage of Superior Douro, the roman and medieval occupation of the site, the ethnographic heritage of the Côa Valley and the history of Ramos Pinto House, its farms and wines.

The Museum has a laboratory where regularly the study of archaeological material of the site, other scientific studies about the Côa Valley and also wine-tasting processes.

Every year in Spring holidays, a team dedicated to various subjects, formed by teachers and students of Archaeology, Biology, Heritage, Anthropology and other knowledges, of several Oporto universities, continue these specialized studies. In Summer holidays the teams of Archaeology continue the excavations of the site, now foreseeing its future musealization. Ervamoira is, like this, a multisubject workfield in a landscape of dream.



From: *Journal of Archaeology*, 1997, 24(1), 1-12
Copyright © 1997 by the British Archaeological Association
All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or by any information storage or retrieval system, without the prior written permission of the British Archaeological Association.
This journal is published by the British Archaeological Association, 10, Bedford Square, London, WC1R 4EJ, UK.
Telephone: +44 (0)20 7637 5400. Fax: +44 (0)20 7637 5401.
E-mail: info@britarch.ac.uk

6. Poster do Museu de Sítio de Ervamoira

¹ Sobre a descoberta e a evolução dos estudos nesta estação arqueológica veja-se a Bibliografia sobre Ervamoira e os trabalhos do seu Museu de Sítio publicados neste trabalho.

² A pouca bibliografia sobre a região resumia-se ao seguinte: para além de um ou outro artigo ou capítulo de carácter geral ou literário aparecido em obras de divulgação ou monografias sobre o Douro Superior, ou em obras mais especializadas sobre aspectos mais particulares, desde a epigrafia à geologia e à geomorfologia, existiam apenas os estudos geográficos e etnográficos de Carlos Alberto MARQUES publicados na revista *Biblos* entre 1935 e 1939, editados recentemente em livro por Pinharanda Gomes sob o título *A bacia hidrográfica do Côa, seguido de Algumas notas etnográficas de Riba Côa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995; em 1953 João Albino Pinto FERREIRA publica «Antiguidades de Numão» no *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XVI e, no ano seguinte, *Freixo de Numão-Apontamentos*. Porto: Edições Marânus, para além de outros estudos; em 1959 sai a primeira edição de *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*, de Luís F. Lindley CINTRA, reeditada em reprodução fac-similada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 1984; em 1963, A. A. Dinis CABRAL publica *História da Cidade de Calábria, em Almendra-subsídios*, Porto: Casa da Beira Alta e, em 1964, em separata da revista *Beira Alta*, de Viseu, *Castelo Rodrigo-reconquista cristã e repovoamento*; em 1977, M. Gonçalves da COSTA publica o vol. I da *História do Bispado e Cidade de Lamego*, sobre a «Idade Média: a Mitra e o Município», a que se seguirão os restantes volumes, com abundantes referências para a região pericudana; em 1984, Marcia TRABULO publica *Elementos para uma monografia de Vila Nova de Foz Côa* e, em 1985, Joaquim A. CASTELINHO uma *Monografia histórica de Mós do Douro* e em 1991 ainda *O antigo concelho de Freixo de Numão*.

Estes trabalhos e mais alguns, destes e de outros autores indicados nas respectivas bibliografias, praticamente esgotavam o horizonte bibliográfico da região até à década de oitenta do século XX.

³ RODRIGUES, Adriano Vasco (1964) – A estátua-menhir de Longroiva; *idem* (1976) – *Retrospectiva histórica de Marialva, Longroiva e concelho da Meda*. Marialva; *idem*, (1983) – *Terras da Meda – Natureza e Cultura*. Meda: Câmara Municipal, com reedição recente muito aumentada.

⁴ Elaborada pelo P.A.R.M. (Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo).

⁵ Publicada em 1996 pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. Este arqueólogo desde o início dos anos oitenta que dinamiza vários projectos de levantamento, estudo e recuperação do património local e regional, tendo publicado já numerosa bibliografia sobre o mesmo.

⁶ Cf. BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). In *Arqueologia*, Dezembro de 1983, p. 57-69.

⁷ Veja-se, por exemplo, os trabalhos apresentados por alguns professores da UTAD no 1º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro, organizado em 1986 pelo Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia e publicados na revista *Observatório*, nº 1, Solar Condes de Resende, 1990.

⁸ Por exemplo, NEIVA, J. M. Cotelo; FARIA, F.L. (1952) – Rochas eruptivas das Chãs (Vila Nova de Foz Côa) e o seu interesse para a prospecção de minerais de terras raras. In *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. VIII, fasc. 1-2, pp. 279-286; SOUSA, M.B. (1979) O Complexo Xisto Grauváquico do Douro: I- Características Litoestratigráficas. In *Memórias e Notícias do Museu e Laboratório de Mineralogia e Geologia*, nº 88. Coimbra: Universidade, pp. 31-37; *idem* (1983a) – Litoestratigrafia do CXG-Grupo do Douro (NE Portugal). *Idem, ibidem*, Considerações Paleogeográficas e Ensaio de Correlação das Formações do Grupo do Douro (CXG) com as Formações ante-Ordovícicas da Zona Centro-Ibérica; *Idem, ibidem*, nº 95, pp. 66-95; *idem* (1985) – Perspectiva sobre os conhecimentos actuais do Complexo Xisto-Grauváquico de Portugal. *Idem, ibidem*, nº 100, pp. 1-16; REBELO, J.A. (1983-1985) – Contribuição para o conhecimento da base do Ordovício em Portugal – Região de Moncorvo. In *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, vol. 24, Lisboa, pp. 263-267. Bibliografia colhida in ROCHA, Paulo António S.P. [1998] – Geologia em torno de Ervamoira (ainda inédito), e outros.

⁹ Pelos vistos as gravuras já tinham sido notadas em 1939 pelo médico José Silvério de Andrade, conforme comunicação apresentada ao 2.º Congresso Internacional sobre o Rio Douro, organizado pelo Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia em 1996, por Alexandre Perafita (*Livro do Congresso* p. 34).

¹⁰ A este propósito veja-se "Parque Arqueológico do Côa – Ideias e Propostas para um projecto", dossier coordenado e redigido por Alexandra Pinto Lima, Virgílio Hipólito Correia e António Manuel Silva, editado em 1995 pela ProAPA/Associação Profissional de Arqueólogos, com a colaboração de Francisco Alves, Paulo Dórdio Gomes, Gonçalves Guimarães, Vítor Oliveira Jorge, Maria Isabel P. Osório, Gaspar Martins Pereira, Paulo Costa Pinto, Luís Raposo e João Pedro Ribeiro, depois republicado em *Dossier Côa*, coordenação de Vítor Oliveira Jorge. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995, pp. 225-258. Infelizmente o Ministério da Cultura e os seus institutos, bem assim como as entidades regionais e locais, públicas e privadas, ou não o leram, ou não o entenderam, ou não tiveram capacidade para aproveitarem as suas sugestões.

¹¹ Foram entretanto descobertas gravuras enterradas na margem esquerda do Côa, perto da ribeira de Piscos, na orla de um terreno recentemente adquirido pela Casa Ramos Pinto o qual alargou para aí os limites de Ervamoira. A este propósito veja-se BAPTISTA, António Martinho (2003) – A fauna pliocénica do Vale do Côa. In *Tribuna da Natureza*, ano 4, nº 13, pp. 14-20.

¹² Entretanto em 1996 Michael Mathias inicia o estudo castelo de Castelo Melhor, infelizmente também já interrompido. A este propósito veja-se MATHIAS, Michael (2000) – O Projecto: O castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda – Investigação arqueológica e estudo de conservação/recuperação. In *Côavisão-Cultura e Ciência*, nº 2, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, pp. 35-46.

¹³ Sobre esta questão veja-se GUIMARÃES, Gonçalves J.A. (2002) – O Museu da Casa Adriano Ramos Pinto – um novo espaço museológico no Centro Histórico de Gaia. In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, nº 55, Dezembro de 2002, pp. 23-30.

¹⁴ Do RSME-12: « Relatório sobre as escavações arqueológicas realizadas durante a campanha de 1996 na Quinta de Santa Maria da Ervamoira, freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa (Parque Arqueológico do Côa). In *Memoriais Carlos Alberto Ferreira de Almeida – Arqueólogo e professor catedrático da Universidade do Porto (†27.07.1996)* », p. 20.

¹⁵ A este propósito veja-se a bibliografia (posters) e GUIMARÃES & BAPTISTA 2004.

NOTA FINAL: As fotografias n.ºs 1 e 4 são de J. A. Gonçalves Guimarães; a n.º 2 de Susana Guimarães; a n.º 3 de Jorge Trabulo Marques; as pinturas (n.º 5) são de Ricardo Nicolau de Almeida e o poster de J.A.G.G., S.G. e Paulo Talhadas dos Santos. Agradeço a Margarida Cunha a infografia deste texto.